



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



LITERATURA E ENGAJAMENTO NAS MARGENS: ENOCH CARNEIRO UM ESTUDO DE CASO

Eduardo Pereira Lopes

Mestrando em Literatura e Diversidade Cultural – UEFS

e-mail: duduquixalopes@hotmail.com

Área de interesse: Narrativas e representações culturais

RESUMO

A intenção com este trabalho é a de trilhar na linha das manifestações literárias marginais baianas com as atenções voltadas para a produção de Enoch Carneiro - autor periférico ficcionista e poeta que figura como um entre tantos dos intelectuais daquilo que se pode chamar de diáspora intelectual literária, fenômeno constituído de escritores anônimos e não pesquisados das diversas regiões do país, mas que produzem uma literatura engajada.

Os volumes *Um Nordestino em Moscou* (1990), *Além das Ilusões* (2001), *A última Trincheira* (2006) e *50 anos depois* (2011), compõem a prosa de Enoch Carneiro. Esta avança cronologicamente para um caminho que parece levar a uma perspectiva pós-marxista. Nesse contexto, o autor troca de adjetivo – substitui revolução por reparação.

Abordará a questão da produção do escritor subalterno como agente da cultura. Tais sujeitos estão em todas as áreas; e na literatura eles são escritores conscientes do paradigma pós-colonial que elaboram práticas de engajamento visando uma intervenção cultural que pode levar a inúmeros locais sociais como o acesso ao livro/leitura, equilíbrio da valoração dos binômios local/global, marginal/erudito, não obstante os desafios da produção, os limites fronteiriços e a miopia da crítica literária tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: Engajamento, Escritor-editor; Enoch Carneiro.

1 INTRODUÇÃO

No antigo mundo das metanarrativas¹ em que a revolução socialista era o sol que iluminava a esperança de muitas sociedades a ideia de engajamento que se tinha para o escritor e a literatura era de ferramentaria em prol dos ideários marxistas. Isso imperava na cultura que era entendida por sua vez como anticapitalista especialmente se considerarmos seu conceito atrelado ao binômio arte e política. A cultura de esquerda ocupava predominantemente o campo semântico do signo cultura pondo-a como oposição simbólica à cultura do capitalismo. No ocidente, a teoria política do marxismo-leninismo era fundamentalmente a teoria subjacente à essa acepção de cultura até meados do século XX. Dessa forma, a arte era voltada para uma práxis revolucionária com a qual expressões literárias ganhavam uma conotação de literatura engajada e naturalmente vinha à reboque uma crítica de sustentação dessa literatura. Formava-se assim o seguinte panorama: de um lado uma arte centrada na metanarrativa comunista e de outro uma crítica dogmática que empurrava goela abaixo camisas de força tais como: uma determinada forma de função para a arte, protocolos de militância, etc. o que legitimava uma arte em muitos casos panfletária, produzindo no caso do Brasil, exemplos como os de Jorge Amado em seus primeiros textos, até então stalinista. De forma geral, estava imposto à literatura este pesado fardo de se colocar como instrumento no processo revolucionário. Por isso, a literatura engajada como ficou conhecida é filha da Revolução Russa. Benoit Denis nos conta que a literatura engajada é

[...] um fenômeno historicamente situado, que o associam geralmente a figura de Jean-Paul Sartre e à emergência, no imediato pós-guerra, de uma literatura passionalmente ocupada com questões políticas e sociais, e desejosa de participar da edificação de um novo mundo anunciado desde 1917, pela Revolução Russa. (2002, p. 17).

Este tipo de engajamento literário era algo que ocorria em uma espécie de centro único interpretativo da realidade, negando qualquer espécie de realidade periférica. Na verdade, a ideia de centro é algo problemático por que homogeneiza o processo de opressão – todos corresponderiam aos clamores da classe operaria ficando outras categorias excluídas da análise social.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, e mais tarde com as acentuadas e gradativas experiências mal sucedidas de implantação de regimes socialistas no mundo, o maior esquema interpretativo da história moderna entra em declínio. Fraturada a cultura dessa velha perspectiva, começa a ser industriado, a partir das lacunas deixadas pelo marxismo, novas

¹ Segundo Lyotard (2006) são amplos esquemas interpretativos como os produzidos por Marx e Freud.

ideias culturais que iriam dar o tom da relação arte-política até os dias de hoje. Historicamente esse mundo começa a ruir quando

[...] as organizações operárias, gradativamente, abandonam seus antigos propósitos revolucionários e, crescentemente, assumem a defesa de reformas sociais, que trouxeram uma elevação da qualidade de vida dos trabalhadores nas sociedades capitalistas avançadas. E, finalmente, há muito tempo, é patente que o movimento socialista revolucionário entrou em crise que, cada vez mais, se aprofunda. (EVANGELISTA, 2002, p. 15)

Com esse aprofundamento cada vez maior dos movimentos socialistas a literatura de hoje encontra outro tipo de sujeito que substituiu o velho sujeito revolucionário. Esse novo sujeito tem voz e vez, sendo na fala de Evangelista (2002) uma das razões da crise do marxismo pois

[...] o proletariado está morto enquanto sujeito revolucionário, pois, por hoje, ser minoria não instituída para a “missão histórica” de luta contra o sistema e não é mais importante de que outras camadas sociais que lutam por isso. (p.19 *apud* CASTORIADIS, 1985 p.76).

Assim nasce um novo engajamento literário na periferia para a periferia. O escritor deixou de ser o sujeito revolucionário do operário para ser o do subalterno; não revolucionário, mas acionário e propositivo, um micro revolucionário.

Teoricamente essa nova perspectiva foi chamada nas universidades de estudos culturais como corrente da crítica cultural. Surge também com isso uma nova perspectiva de produção do texto literário que envolve o escritor-editor ou marginal, por sua vez ao mesmo tempo seguidor e produtor de uma nova cartilha para o que se chama de literatura engajada. Se os estudos da cultura preocupam-se em estabelecer um nexos de responsabilidade entre o conhecimento erudito e o popular, o papel do autor subalterno representa o lado marginal dessa relação. Encontra na crítica um discurso de aprovação de suas práticas assim como a crítica percebe nesse agente um organizador das demandas sociais via ficção, obedecendo a uma cartilha pós-moderna de engajamento no que diz respeito à relação intelectualidade e política.

Com isso, os movimentos sociais e culturais exercitam o retorno à democracia como bandeira ideológica de fato. Isso é o que se nota quando se observa como anda o engajamento político dos intelectuais no mundo pós-colonial. Alain Touraine (2004) nos diz que não há movimento social sem democracia. Pela frustração seguida dos movimentos revolucionários no século XX a democracia, mesmo para os mais radicais, parece ser tão encantador quanto um canto de sereia devido a esses novos tempos em que vivemos.

Como não podia ser diferente, a tônica do pós socialismo ressoa na cultura e vive versa. Pois toda teoria muda com o mundo sobre o qual reflete (EAGLETON, 2005), dessa forma a

cultura passa a representar tudo aquilo que estava agora associado como cultura: os direitos civis, os movimentos das mulheres, as campanhas antinuclear etc. É por conta disso que uma literatura como a de Enoch Carneiro é uma ficção social hodierna pois deixa o calor das utopias socialistas para abraçar o corpo renovado da social democracia.

2 QUEM É ESSE CARNEIRO QUE NÃO É CORDEIRO

Em linhas gerais, autor de três obras de poesia² e quatro de prosa, Enoch Carneiro, natural de Uibaí município da Bahia, vem consolidando um estilo próprio, que carinhosamente podemos chamar de estilo “pingue-pongue”, dado ao vai e vem das ações na narrativa, e de um narrador que abusa da analepse.

Carneiro não tem nada de cordeiro, está mais para um boca do inferno pela sua crítica ácida às instituições e poderes que geram qualquer forma de desequilíbrio de paz social desde a desestruturação familiar até a depredação da natureza. Ele nunca foi um homem de formas (ou pelo menos de uma só); o certo é que sua obra, aparentemente incoerente pelas constantes digressões temáticas e heterodoxia estilística, só deve coerência, a bem da verdade, à sua história de vida³. É coerente somente com a incoerência de sua vida. Assim como um cubo de gelo que mantém por pouco tempo sua forma sob nosso clima agradavelmente *hot*, para logo se desfazer em água, a prosa carneiriana também se liquefaz rapidamente, tomando formas, assumindo discursos, e como uma água suja que corre pelo chão de terra leva consigo inúmeros “bagacinhos” de discursos, ideologias e vivências.

Do ponto de vista estético sua obra é um fato literário; um acontecimento da estética pós-moderna. Rótulos não grudam em sua superfície lisa. Dizem que a matéria prima da literatura é o impossível, e que todo escritor tem o seu. O de Machado de Assis talvez fosse entender a *psiquè* humana; O de Jorge Amado, já foi o de incitar as massas na crença de que se muda um homem com a leitura de um livro. Ser porta-voz das demandas do homem de seu tempo que ao mesmo tempo em que é universal é regional, nunca ficando equilibrada essa balança, parece ser “o impossível” que inspira Enoch Carneiro.

Semelhante ao método usado pelo escritor baiano Antônio Torres, este outro baiano ousado começa a trilhar os caminhos daquilo que se pode chamar de ficção historiográfica, quando procura fundamentação em fontes verídicas como fonte de pesquisa e as traz, no mais recente livro “50 anos depois: da pangeia à Quixabeira”, transcritas para o texto, por exemplo, quando

² Enoch Carneiro na sua fase de poeta foi participante do movimento poetas da Praça em Salvador, insurgindo artisticamente contra o Regime Militar.

³ Na juventude foi de garoto pobre lavrador até poeta marginal, marxista e militante do PT. Depois se torna espirita.

reproduz documento (uma carta de Hernan Cortez ao rei de Espanha) da colonização espanhola na América Central, assim, nosso passado de subserviência à metrópole não escapa da metralhadora cheia de mágoas do Carneiro.

Em linhas mais densas para entender sua obra é preciso lançar mão de uma esquizoanálise, análise do desejo, como diz Deleuze e Guattari (1996), quer dizer, um olhar político e prático. Pois o desejo político e prático da obra é segmentarizado deixando o lineamento para dar lugar a segmentaridade. A obra de Carneiro é atravessada por essa segmentaridade que igualmente vem perpassando por grupos e indivíduos. Na primeira fase de sua prosa há uma identificação nítida com o esquema interpretativo marxista da realidade. A leitura de mundo do autor no primeiro romance “Um nordestino e Moscou” é basicamente a de luta de classe entre patrão e empregado. Porém, quando a quebra do desejo linear ressoa em nossa cultura política a ficção do autor já demonstra sinais de uma perspectiva pós-marxista⁴. A aventura da modernidade de Carneiro observada também na poesia estava se desmanchando no ar, para usar uma bela paráfrase de Marshall Berman. Nas suas últimas obras, especialmente no livro em que a sombra do engajamento unilateral (por exemplo em prol do trabalhador) é substituída por uma pluralidade de focos de atenção, no “Além das Ilusões” o olhar de denunciador social está voltado para problemas menores e mais localizados, como o alcoolismo e a depredação da natureza como podemos ver no trecho:

- Maldita droga! Que transforma milhares de seres humanos em palhaços, em criminosos, e parasitas.” E, “Cortaram o último pé de Tamboril das suas margens, queimaram as aroeiras e até mesmo as mangueiras. (CARNEIRO, 1990, p. 25).

Esses isolamentos, ou protestos isolados em referência ao macro protesto do primeiro livro, constituem-se um tipo de máxima ou lições de cunho religioso ou espiritual o que revela a sua tendência pós-moderna literária por conta da micropolítica que emprega. Por esta razão consideramos Enoch Carneiro um intelectual que nasce com uma biografia política de esquerda radical e estabiliza-se depois fazendo um caminho de volta à democracia. É o escritor intelectual que voltou a perspectiva democrática dos fatos sociais.⁵

⁴Aliás, é preciso ressaltar que não estamos considerando a obra do autor como dois momentos. De fato, o primeiro romance é portador de um discurso mais radical, porém já não é absoluto. Há muita “dúvida ideológica” nele. O que há é uma obra em que o engajamento social oscila para mais e para menos radical, mas nunca deixa de seguir o método de engajamento de micro política pelas minorias marginais. Pois o próprio homem tematizado na ficção carneiriana é uma minoria. Não é um homem qualquer é o sertanejo, é o periférico interiorano enfim, não dá pra dizer que é o mesmo homem de que se ocupa Vitor Hugo e Zola. Apesar de ter aspectos universais seu caráter específico e local sobressai sobre qualquer universalismo. É por isso, uma forma de engajamento democrático e nem um pouco absolutista ou radical.

⁵ Novamente reiteramos que não existe livro divisor de águas na obra do autor. Mesmo “Um nordestino em Moscou” cujo engajamento discursivo é menos democrático, mais voltado para o trabalhador rural, mesmo assim, é uma categorial marginal. É um romance em que se observa a angústia de um intelectual que vê se

3 MÉTODO DE ENGAJAMENTO

A literatura engajada “tende a fugir dos modelos canônicos em certos tipos de textos que ressaltam o que costuma se chamar de *literatura de ideias*” (DENIS, 2002, p. 80); isto é, o engajamento prepondera na literatura marginal. Pelo menos esta é uma observação a ser levada em conta nos contextos marginais latino americanos e internamente em todas as formas de periferia do Brasil, pois pelo fato da carência de estrutura de se engendrar escritores, aí entra a questão da falta de recurso, de editoras, de patrocínios, de simplesmente desejo de que tenha escritores em seu bairro ou cidade, dificulta a representação de contextos específicos que, salvo muitas vezes pela escrita de um livro, passam anônimos nas criptas periféricas já que outros veículos discursivos como a mídia, o jornal, a televisão e a grande literatura não se ocupam de representá-las. Se literatura é cultura e cultura é a identidade de um povo, sua essência social, a literatura marginal também é geradora de sentido para uma dada comunidade marginal.

Ora, se não fosse pela literatura o que saberíamos da região de origem de Carneiro? Simplesmente não há informação que não seja os rígidos dados do IBGE sobre o tecido social e político desse território. Na verdade não é papel da literatura engajada trazer informação, mas ideias. Estamos falando de um universo de sujeitos bem alienados de seu próprio espaço simbólico de vida. Nas periferias regionais a literatura marginal vem possibilitando abrir janelas ideológicas para eles mesmos pensarem a região. Por este motivo isso é o centro dessa forma de engajamento⁶ e por isso é o bastante para se justificar, nestes territórios, a atividade de escritores intelectuais da cultura como Enoch Carneiro. Pois se tais territórios fossem esperar uma representação literária da “alta” literatura certamente passariam muito tempo ignóbeis⁷.

Adotamos aqui a perspectiva da literatura engajada, de acordo com Denis, “[...] como uma possibilidade transhistórica, que se encontra com outros nomes e com outras formas ao longo de toda a história da literatura” (2002, p. 18). Transhistórica porque não se resume ao legado comunista para a cultura, e ainda mais porque continua no jogo da metamorfose social, adquirindo novas facetas e propostas de engajamentos. Por isso, falamos aqui em literatura de periferia ou de minoria. São muitos conceitos que precisam ser disponibilizados a depender

desmanchar pelo bico da caneta a base marxista de sua formação política da juventude e dos tempos de poeta da praça.

⁶ Esse engajamento por sua vez aciona um tipo diferente de escritor que é o escritor – editor.

⁷ É claro que a literatura não é a única forma de se conhecer e querer desenvolver criticamente um espaço social. Mas ela é um exemplo fortíssimo que representa o desejo de participar da construção de um espaço mais democrático e justo.

do contexto da produção literária. Porém, pensamos que devem obedecer a um critério geral que é o da perspectiva marginal. Literatura marginal para nós é um ponto de vista sociológico, e acrescentamos também a questão da produção, que é marginal por força da predominância da auto edição. Na contemporaneidade, o universo marginal se desdobra em outros universos como a comunidade, a periferia, as minorias, etc. cada qual com um método de engajamento. Vimos que o método socialista predominou principalmente na França de Sartre, dando espaço muitas vezes a obras bem passionais o que talvez tenha favorecido críticas das escolas tradicionais no sentido de denegrir a qualidade da obra por estar bem mais presente a preocupação social do que a estética.

Diante disso, é preciso assinalar que o nosso estudo de caso não é possuidor de uma literatura de engajamento passional⁸ como a prática metodológica legada pela Revolução Russa. Contudo, é preciso certa ressalva quanto ao primeiro romance de Enoch Carneiro – “Um nordestino em Moscou” no qual o leitor poderá perceber o mesmo desejo de ajudar a erigir um novo mundo. Porém, esse desejo não é absoluto, já é fragmentado pelas novas demandas sociais mas não nos atentaremos a discutir isso neste momento.

Enoch Carneiro almeja reforma. Entre as duas acepções de literatura engajada que Denis (2002) traz, a que julgamos se aproximar mais dos textos carneirianos é aquela que

[...] propõe do engajamento uma leitura mais ampla e flexível e acolhe sob sua bandeira uma série de escritores, que de Voltaire e Hugo a Zola, Péguy, Malraux ou Camus, fizeram-se os defensores de valores universais, tais como a justiça e a liberdade, e, por causa disso, correram o risco de se oporem pela escritura aos poderes constituídos. (p.17).

É justamente por esse caráter universal que em Carneiro se mesclam as questões locais de um mundo pós-marxista, o que acaba conferindo ao autor um tipo de engajamento esquizofrênico, pós-moderno, que não se limita àquele das minorias específicas, mas que também não foge à ele, sendo por isso merecedor de uma, parafraseando Deleuze e Guattari (1996), esquizoanálise.

Sua literatura é plurifacetada e certamente a face social sobressai-se diante de qualquer outra. Pode ser vista como uma forma pontual⁹ de preocupação social por uma responsabilidade

⁸ O leitor da obra de Enoch Carneiro entenderá melhor o que estamos dizendo pois no microcosmo de significação da obra *a priori* percebe-se um certo fervor passional que se dilui cronologicamente ao longo das obras.

⁹ Pontual, pois trata de pontos específicos no universo de seu texto. Esses pontos são em primeira instância sua terra natal, e os sujeitos sociais que compõe um território ficcional que pouco difere do real que é o baixo-médio São Francisco – divisão geográfica que abrange vários municípios como os de Xique-Xique – cidade onde o escritor fez as primeiras letras, e a região de Irecê onde fica o município de Uibaí. Esse é o território ficcional do autor.

através da escrita de organizar da melhor forma possível o tecido social de sua cidade e território¹⁰.

Vimos que o termo literatura engajada é situado historicamente após e em função da Revolução Russa de 1917, logo toda literatura que divergir a esse modelo não seria engajada? Na verdade não. Esse foi um rizoma, não um tratado. Pensamos que a ficção carneiriana tem um engajamento original que só poderia ser gerado no contexto em que ocorreu. Uma literatura de multidão é a extensão de sua representatividade e dos vários discursos que possui deixando impossível de se rotulá-la como literatura disso ou daquilo. A miscelânea discursiva observada, por exemplo, em “Além das ilusões” não é compatível com rótulo. Ora sobressai o kardecismo ora o marxismo ora o ceticismo ora pulveriza a modernidade; é assim que Carneiro fica para além das ilusões.

Para voltar a falar do método de engajamento na literatura de Carneiro precisamos experimentar olhar para a América Latina e delimitar um *locus* de enunciação do sujeito pós-colonial. A derrocada da esquerda e a crise do marxismo inaugurou um novo painel socialdemocrata que especialmente na América latina, pelo passado colonialista, passando por ditaduras e levantes socialistas, começa a atualizar e a organizar as lutas sociais de outro modo. O que antes era macro tornou-se micro, o que antes era viés político, agora é viés político e cultural. O que antes era opressão capitalista do proletariado agora é causa específica das minorias raciais, étnicas, de gênero, de território, etc. todas essas expressões encontram porto seguro naquilo que, grosso modo, baseado em Bauman (2003) poderia chamar de sensação de conforto e pertencimento em torno de um sentido capaz de unir um grupo por uma causa ou simplesmente por compartilharem de uma simbologia – a comunidade.

Não é forçoso notar que comunidades assim são organismos simbólicos e culturais ativos; produz arte, cultura, literatura. São donas de uma produção literária sociologicamente marginal e os estudos culturais é a crítica militante dessas manifestações que tem procurado cada vez mais enfatizar a relação entre crítica acadêmica e “texto comunitário” a fim de haja a dilatação do próprio conceito de engajamento. Porque ao ultrapassar a fronteira do texto de ficção, o texto de crítica também possa funcionar como uma extensão da ideia de literatura engajada.

O método de engajamento precisa de um sujeito de ação. E esse sujeito de ação é o escritor – editor. Ele tem uma função organizadora da comunidade no plano das ideias via ficção. A política que é cultivada nos escritores de comunidade é uma política propositiva pela

¹⁰ Como já foi dito, naturalmente ao fazer isso, está também veiculando discursos que são igualmente representantes de questões sociais extras regionais.

cidadania que encontra par em uma nova teoria política pela busca de justiça social no âmbito da democracia. Assinala Boaventura de Souza Santos (1996, p. 279) que

A desigualdade tem na modernidade ocidental um significado totalmente distinto do que tiveram nas sociedades do antigo regime. Pela primeira vez na história, a igualdade, a liberdade e a cidadania são reconhecidos como princípios emancipatórios da vida social.

Em “50 anos depois: da Quixabeira à Pangeia”, há uma recontagem cômico-crítica de fatos históricos em uma espécie de ensaio em prosa que tenta formar opinião sobre diversos temas da atualidade desde o império americano, chamando atenção para vários problemas sociais passando pela leitura irônica de personagens políticos de terra natal de Carneiro. Assim, a narrativa segue a tendência, que é da própria política, pelo um ideal de busca de emancipação da vida social que se entende pelo acesso e garantia dos direitos do cidadão como habitação, educação, saúde, segurança enfim, a pauta socialdemocrata.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa análise da perspectiva do engajamento literário nas margens não representa o desejo de se criar um cânone da periferia nem fazer competir o marginal como o canônico. Trata-se na verdade de um intento pelo reconhecimento dessa forma de literatura como literatura legítima, veiculadora de ideias e discursos, que igualmente aos textos consagrados que representaram na história da literatura determinados anseios sociais ou que denunciaram certas mazelas, essas produções localizadas também têm sua margem de efetividade¹¹ ou de impacto sobre o público leitor. Intencionamos, pois, fazer a crítica cultural dessa forma de literatura para explorar seu caráter político-estético utilizando como estudo de caso o trabalho literário de Enoch Carneiro.

Por fim, não podemos olvidar que escritor editor é o mesmo escritor subalterno, pois seu raio de ação é a subalternidade. Como agente da cultura eles problematizam lugares de conforto seja o político, o cultural, o familiar, etc. A tática de Carneiro, por exemplo, é a de subverter valores pequenos burgueses, e a cultura dominante que sustenta a modernidade,

¹¹ Leia-se efetividade como o alcance ou a repercussão da intencionalidade do escritor no público leitor e na cultura regional de uma determinada obra literária. Se a intenção de um escritor-editor é contar ironicamente a história política de sua região num romance e esse romance é tomado pela cultura local como referente para se pensar *a posteriori* esta região então não existe diferença entre um trabalho dessa natureza e um clássico que chamou atenção para a situação dos trabalhadores nas minas do interior da França séculos atrás. Hoje, assim como entidades de organização da sociedade civil – associações de trabalhadores rurais, sindicatos, ou seja, pessoas jurídicas sem fins lucrativos embrionários da constituição de 1988 – os escritores-editores são nas pequenas comunidades e nas regiões ignotas essas entidades no universo da literatura. Por meio da linguagem se prontificam a comunicar-se e a de certa forma organizar a sociedade civil, não tecnicamente como aquelas, mas epistemologicamente.

desconstruindo tal discurso fortemente percebido em o acrimonioso “Além das Ilusões”. De fato, é uma *literatura das ideias* engajada pela emancipação social do subalterno. Dessa forma, a obra de Carneiro vai somar-se ao discurso marginal de cultura gerador de demanda específica por políticas públicas que deem conta de abrir espaços para produções subalternas como a dele, geradoras de sentido para suas comunidades.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CARNEIRO, E. *A Última Trincheira*. Salvador: Bureau, 2006.
- CARNEIRO, E. *Além das Ilusões*. Salvador: Bureau, 2001
- CARNEIRO, E. *Um Nordeste em Moscou*. Salvador: Bureau, 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Tradução: Aurélio Guerra Neto e outros. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Bauru: EDUSC, 2002.
- EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- EAGLETON, Terry. Ascensão e queda da teoria. In: *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 41-66.
- ECO, Umberto. Revista época, março de 2003.
- EVANGELISTA, J. E. *Crise do Marxismo e Irracionalismo Pós-Moderno*. São Paulo: Cortez, 2002.

- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 5 edição. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2 edição. São Paulo: Cortez, 2008.
- SARTRE, Jean-paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.
- SARTRE, Jean-paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1999.
- TOURAINÉ, Alain. *O pós socialismo*. Tradução: Sônia Goldfeder e Ramon Américo Vasques. São Paulo: Brasiliense: 2004.